



# Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 6

---

Marcos William Kaspchak Machado  
(Organizador)

**Atena**  
Editora

Ano 2019

Marcos William Kaspchak Machado

(Organizador)

# Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 6

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I34 Impactos das tecnologias nas ciências humanas e sociais aplicadas  
6 [recurso eletrônico] / Organizador Marcos William Kaspchak  
Machado. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. –  
(Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais  
Aplicadas; v. 6)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-166-4

DOI 10.22533/at.ed.664191103

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades. 3. Tecnologia.  
I.Machado, Marcos William Kaspchak. II. Série.

CDD 370.1

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O livro “*Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 3*” aborda uma série de capítulos de publicação da Atena Editora, subdivididos em 4 volumes. O volume VI apresenta, em seus 31 capítulos, um conjunto de estudos acerca do papel político, histórico, urbanístico e geográfico nas modificação e construção dos espaços sociais modernos.

As áreas temáticas da ciência política e histórica nos faz entender o papel dos agentes públicos na construção social, bem como as modificações ativas, muitas vezes influenciadas por estas políticas, nos ambientes geográficos e urbanísticos atuais.

O contexto social contemporâneo é um reflexo das ações direcionadas pelas políticas de desenvolvimento regional e sustentável. Além das iniciativas estatais, observamos o papel da cooperação social no desenvolvimento regional e na formação de novas estruturas sociais e urbanísticas.

Por estes motivos, o organizador e a Atena Editora registram aqui seu agradecimento aos autores dos capítulos, pela dedicação e empenho sem limites que tornaram realidade esta obra que retrata os recentes avanços inerentes ao tema.

Por fim, espero que esta obra venha a corroborar no desenvolvimento de conhecimentos e novos questionamentos a respeito do papel transformador da educação, e auxilie os estudantes e pesquisadores na imersão em novas reflexões acerca dos tópicos relevantes na área social.

Boa leitura!

Marcos William Kaspchak Machado

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
DA RETÓRICA À ERÍSTICA DOS DISCURSOS DA SEPARAÇÃO DOS PODERES	
Álvaro Jáder Lima Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.6641911031	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
LEVANTAMENTO DO IMPACTO DA POLÍTICA PÚBLICA DE MICROCRÉDITO RURAL NO TERRITÓRIO DO AGRESTE MERIDIONAL DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira	
João Batista de Oliveira	
Monica Aparecida Tomé Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.6641911032	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
CONSTRUÇÕES MITOLÓGICAS NA POLÍTICA: A DISPUTA PAULISTANA ENTRE PSDB x PT NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 2016	
Aryovaldo de Castro Azevedo Junior	
Fabio Caim Viana	
Hertz Wendel de Camargo	
DOI 10.22533/at.ed.6641911033	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>44</b>
OLIVA ENCISO: A PRIMEIRA DEPUTADA DE MATO GROSSO	
Dayane Freitas de Lourdes	
DOI 10.22533/at.ed.6641911034	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>61</b>
ASSOCIATIVISMO, PARTICIPAÇÃO E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NO ESPÍRITO SANTO	
Anselmo Hudson Nascimento Siqueira	
DOI 10.22533/at.ed.6641911035	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>77</b>
REFLEXÕES SOBRE TECNOLOGIAS SUSTENTÁVEIS VOLTADAS PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL NO NORDESTE PARAENSE	
Suellen Lemes Freire Santos	
Márcia Brito da Silva	
Rosana Cardoso Rodrigues da Silva	
Romier da Paixão Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.6641911036	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>84</b>
A DINÂMICA DO COMÉRCIO VAREJISTA DE PAU DOS FERROS NO ÂMBITO DO CRESCIMENTO DAS CIDADES: APRECIÇÕES	
Ana Paula de Queiroz	
Franciclécia de Sousa Barreto Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6641911038	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>100</b>
OBSERVATÓRIO GEOGRÁFICO DA FRONTEIRA SUL: UMA PLATAFORMA DE ACESSO ÀS INFORMAÇÕES REGIONAIS	
Juçara Spinelli Leonardo Mancia Silveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6641911038</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>111</b>
MEIO AMBIENTE E SAÚDE: UMA RELAÇÃO INDISSOCIÁVEL	
Edmeire Samali Alencar de Brito Clecia Simone Gonçalves Rosa Pacheco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6641911039</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>123</b>
<i>BRAZIL INSTRUMENTARIUM</i> : TIMBRE E IDENTIDADE CULTURAL	
Alice Lumi Satomi Lucas Benjamin Potiguara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110310</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>138</b>
DUQUE DE CAXIAS (RJ) SITUAÇÃO PARADOXAL: CRESCIMENTO ECONÔMICO X DESENVOLVIMENTO SOCIAL BAIXO	
Fernando Ribeiro Camaz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110311</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>155</b>
MACAÉ COMO CIDADE MÉDIA PELA ATRAÇÃO DE MOBILIDADES PENDULARES	
Célio Quintanilha Felipe Nascimento Lucas Maia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110312</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>169</b>
AUTOSSEGREGAÇÃO E ESPAÇOS RESIDENCIAIS FECHADOS NO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO (SALVADOR, BA)	
Rinaldo de Castilho Rossi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110313</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>185</b>
A ÁGUA QUASE MINERAL... QUEM QUER COMPRAR?	
Marlucia Ribeiro Sobrinho Adinoraide Oliveira dos Santos Ronaldo Alves de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110314</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>199</b>
CRIAÇÃO DO “ESPAÇO CAATINGA” E OS DESAFIOS DA ARBORIZAÇÃO EM ESCOLAS PÚBLICAS DO VALE DO SÃO FRANCISCO	
Matheus Henrique Coutinho Bonfim Paulo Roberto Ramos Antonio Pereira Filho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110315</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>209</b>
DO MANGUEZAL À COMUNIDADE: EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA O DESCARTE CORRETO DE RESÍDUOS SÓLIDOS	
Melissa Ferreira Santos Marcos Paulo dos Santos Maria Carolina Lima Farias Alexandre Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110316</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>216</b>
CICLO DA MINERAÇÃO E FORMAÇÃO DE PEQUENAS CIDADES NA SERRA DO SINCORÁ-BAHIA: O EXEMPLO DE LENÇÓIS	
Dante Severo Giudice Michele Paiva Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110317</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>229</b>
O LICENCIAMENTO AMBIENTAL E A ANÁLISE ESPACIAL DOS POSTOS DE COMBUSTÍVEIS EM RIO VERDE – GO	
Andréa dos Santos Vieira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110318</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>244</b>
INICIATIVAS ESTATAIS FAVORÁVEIS AO INVESTIMENTO DA REFINARIA PREMIUM I E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM BACABEIRA (MA): PERMANÊNCIAS E PERSPECTIVAS	
Hellen Mayse Paiva Silva Antonio José de Araújo Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110319</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>261</b>
NOVAS CONSTRUÇÕES, NOVAS OCUPAÇÕES E NOVOS DESABAMENTOS: A VELHA “MALANDRAGEM” NA DINÂMICA IMOBILIÁRIA DA LAPA	
Flavio Sampaio Bartoly	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110320</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>278</b>
O IMPACTO DO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA NA URBANIZAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DE CASO EM PAU DOS FERROS, RN	
Leandro Gameleira do Rego João Freire Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110321</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>295</b>
PERSPECTIVAS SOBRE DESENVOLVIMENTO, ESCALAS E TRANSFORMAÇÕES EM SEROPÉDICA: O II PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO, O ARCO RODOVIÁRIO METROPOLITANO E OS CONDOMÍNIOS LOGÍSTICOS	
Gabriel Oliveira Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110322</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>307</b>
ANÁLISE ARQUEOMÉTRICA DE OCRES VERMELHOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA DO ATLAS	
Luis Carlos Duarte Cavalcante Victor Hugo Gomes Tostes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110323</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>323</b>
ENERGIAS RENOVÁVEIS: UM ESTUDO SOBRE UMA ALTERNATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL	
Francisca Scarlet O'hara Alves Sobrinho Ítalo Ricardo dos Santos Luana Araújo Matos Vívian Moura da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110324</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>332</b>
PRAÇA ZAGURY: JARDIM SENSORIAL COMO PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO DE PATRIMÔNIO CULTURAL E ARQUITETÔNICO DE MACAPÁ –AP	
Leonardo Oliveira Galiano Manuella Dias Sussuarana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110325</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>345</b>
VERTICALIZAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO DO BAIRRO: ALTERAÇÕES MORFOLÓGICAS NA PAISAGEM DO BAIRRO SANTA MÔNICA – UBERLÂNDIA (MG)	
Leandro Oliveira Silva Winston Kleiber de Almeida Bacelar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110326</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>361</b>
METODOLOGIA PARA INVESTIGAÇÃO DOS IMPACTOS DA INCORPORAÇÃO DO SISTEMA DE AQUECIMENTO SOLAR DE ÁGUA EM CONJUNTO HABITACIONAL NO MUNICÍPIO DE TUPÃ	
Waleska Reali de Oliveira Braga Camila Pires Cremasco Gabriel Ana Laura Klaić Mozena	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110327</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>373</b>
INFLUÊNCIAS DOS PROJETOS URBANOS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE PARAISÓPOLIS	
Wagner de Souza Rezende Angélica T. Benatti Alvim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110328</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>397</b>
DIRETRIZES BIOCLIMÁTICAS PARA HABITAÇÕES DE INTERESSE SOCIAL	
Carolina Mendonça Zina Karyna de Andrade Carvalho Rosseti Luciane Cleonice Durante	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66419110329</b>	

**CAPÍTULO 30 ..... 410**

CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DO SÍTIO ENTRADA DO CAMINHO DA CAIÇARA

José Weverton Lima de Sousa

Luis Carlos Duarte Cavalcante

**DOI 10.22533/at.ed.66419110330**

**CAPÍTULO 31 ..... 443**

ANÁLISE DA VIABILIDADE ECONÔMICA E DIMENSIONAMENTO ASSOCIADO À IMPLEMENTAÇÃO DE PAINÉIS FOTOVOLTAICOS EM UMA EDIFICAÇÃO VERTICAL

Carlos Eduardo Pscheidt

Andréa Holz Pfitzenreuter

**DOI 10.22533/at.ed.66419110331**

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 428**

## NOVAS CONSTRUÇÕES, NOVAS OCUPAÇÕES E NOVOS DESABAMENTOS: A VELHA “MALANDRAGEM” NA DINÂMICA IMOBILIÁRIA DA LAPA

**Flavio Sampaio Bartoly**

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo principal debater o processo de “revitalização” da Lapa através da “recente” valorização imobiliária de um bairro histórico repleto de sem tetos, de antigas construções condenadas e, agora, de grandes e novos empreendimentos residenciais e comerciais. Em meio à fama turística internacional, as referências à histórica boemia do bairro tornaram-se armas fundamentais para a retomada da visibilidade da Lapa, agora como um local “de retorno às raízes culturais” da cidade. Esta questão torna-se, portanto, parte das discussões acerca da mundialização dos lugares, o que, por conseguinte, coloca a geografia no centro dos debates.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lugar, Lapa, Representações.

**ABSTRACT:** This article has as main objective to discuss the process of “revitalization” of Lapa through the “recent” real estate valuation of a historical neighborhood full of homeless, old buildings condemned and now of great and new residential and commercial ventures. In the midst of international tourist fame, references to the historic bohemia of the neighborhood have become fundamental weapons for the

resumption of visibility of Lapa, now as a place “back to the cultural roots” of the city. This question therefore becomes part of the discussions on the globalization of places, which therefore places geography at the center of the debates.

**KEYWORDS:** Place, Lapa, Representations.

### 1 | UMA INTRODUÇÃO A CONSTRUÇÕES E DESCONSTRUÇÕES NA/DA LAPA

Talvez, por ser uma parte não só histórica da cidade do Rio de Janeiro, mas também literária, poética, boêmia, sedutora e contestadora, a Lapa é profícua em apresentar personagens, dramas, contradições e significados que transcendem a sua condição de bairro. Esta condição de um lugar global “dramático” e “contraditório” pode ser observada em diversos aspectos da chamada “Revitalização” da Lapa.

O condomínio “Cores da Lapa” foi construído pela incorporadora Klabin Segall, na Rua do Riachuelo nº 92, tendo suas 688 unidades vendidas em apenas uma noite do ano de 2006. O dono da incorporadora, Sérgio Segall explicou à Revista Veja Rio que uma parte do sucesso do empreendimento deveu-se a “[...] uma vontade política, um interesse do poder público em colaborar com o projeto”

(VEJA RIO, 2006).

O que nos chama a atenção é a atitude teoricamente paradoxal do poder público, que atribui uma enorme importância ao bairro em termos de investimentos turísticos e imobiliários, inclusive “colaborando(?)” com grandes incorporadoras, sem, no entanto, resolver (de modo “colaborativo”) questões dramáticas, como os casos das “ocupações” e dos desabamentos no bairro. “A decadência e a restauração entremeiam-se de maneira curiosa, porque via de regra aqueles que deploravam a decadência foram os mesmos que deram início à restauração” (ROPER, 2012, p.64).

Em meio a sua “revitalização”, a Lapa convive entre o fato de ser atualmente um símbolo nacional e internacional da cidade e do país e ocorrências como o desabamento parcial do prédio do bloco de carnaval conhecido como “Cordão do Bola Preta”, na manhã do dia 15 de maio de 2012.

Neste artigo, pretendemos debater esta situação aparentemente curiosa da Lapa; a convivência tão próxima de um bairro histórico, conhecido internacionalmente, em pleno processo de revitalização, que começa a receber grandes empreendimentos imobiliários, com um bairro em que a decadência é materializada em desabamentos e ocupações ilegais de construções antigas sem o mínimo de conservação. Diante da convivência cada vez mais próxima do global com o local, inclusive na revalorização de áreas urbanas históricas, a geografia encontra-se chamada a compreender “[...] a natureza mesma dos novos processos espaciais que redefinem a vida cotidiana no lugar” (EGLER, 2005, p.1), bem como a atuação do poder público diante dessas questões.

## 2 | OS DESABAMENTOS, AS OCUPAÇÕES E OS INCÊNDIOS: A DECADÊNCIA DA LAPA

Os especialistas apontaram a falta de conservação como o principal motivo do desabamento do prédio do “Cordão do Bola Preta”. Ao ceder o prédio (público) ao bloco carnavalesco, a Prefeitura não pediu nenhuma contrapartida, nem ao menos em termos de melhorias nas condições estruturais e de segurança do prédio.

O prédio que desabou na manhã desta terça-feira, na esquina das ruas da Relação e do Lavradio, no Centro do Rio, pertencia ao Cordão da Bola Preta, informou o presidente do bloco carnavalesco, Pedro Ernesto Marinho. Segundo ele, o edifício era da Companhia Rio Trilhos, da Secretaria Estadual de Transportes, e foi passado, em comodato, em março de 2009, para o “Bola Preta”. **Outros prédios - até o número 13 da Rua da Relação - também foram passados para o bloco.** A iniciativa faz parte do programa de revitalização de instituições de carnaval, da Prefeitura do Rio (EXTRA, 2010).



Figura 1 – Desabamento na Lapa. A construção está localizada na esquina das Ruas do Lavradio e da Relação.

Fonte: SINPOL, 2012.

Entretanto, a cessão de prédios com objetivos “sociais”, como os que foram “passados” para o bloco carnavalesco em questão não é uma prática comum da Prefeitura do Rio de Janeiro. No caso das ocupações de moradores sem teto no bairro, como as que ocorreram na Avenida Mem de Sá e na Rua do Riachuelo, a Prefeitura não pensou em ceder nenhum, quanto mais vários prédios, como fez com o “Cordão do Bola Preta”. Ao contrário, a solução para a retirada dos moradores não foi negociada ou realizada de modo minimamente digno. “O Estado é aquele que arbitra, vigia e pune diferenciadamente, aquele de quem devemos ter medo, e não aquele que assegura com imparcialidade os direitos de um cidadão ativo e exigente” (OLIVEIRA, 2002, p. 51). Na desocupação do prédio no nº 49 da Rua do Riachuelo, ocorrida em 30 de Agosto de 2010, a Prefeitura retirou 70 pessoas com a ajuda da Polícia Militar. Foi a terceira vez que o poder público promoveu uma desocupação do prédio.

Os bairros centrais concentram uma enorme quantidade de edifícios vazios, de diferentes usos (residenciais, escritórios, hospitais, hotéis, galpões) que poderiam ser utilizados para habitação. Os proprietários são particulares ou órgãos públicos (RIO DE JANEIRO, 2003, p.16).

Na primeira desocupação, a Polícia Militar utilizou gás de pimenta sobre os moradores e sobre aqueles que protestavam na rua contra a desocupação. Antes de ser desfeita, a ocupação “Carlos Mariguela” sofreu com o corte de água realizado pela CEDAE. Como noticiou o jornalista Ancelmo Góis, em sua coluna no jornal O Globo, os ocupantes do prédio abandonado do INSS começaram a atirar seus excrementos pela janela, em protesto pelo corte no abastecimento de água do prédio. É evidente que a fúria do poder público em retirar os moradores da ocupação “Mariguela” na Rua

do Riachuelo pode ser explicada, em parte, pelo fato do prédio estar muito próximo de “atrações” famosas da Lapa. Quase ao lado do prédio (nº 49) outrora ocupado, está localizado o “Sinuca da Lapa”, no nº 44 e, um pouco mais distante, o restaurante Victor (nº 32) e o sushi bar “Lapa Maki” (nº 67), que provavelmente sentiam-se profundamente incomodados com a ocupação.



Figura 2 - Ocupação Carlos Mariguela.

Fonte: MIDIA INDEPENDENTE, 2010.

A solução de simplesmente expulsar os “sem teto” da Lapa, especialmente por conta de sua valorização imobiliária e da visibilidade que possui hoje no Rio de Janeiro parece não ter surtido o efeito desejado pela Prefeitura. Pouco depois da desocupação do prédio da Rua Riachuelo, uma nova ocupação em um prédio do INSS abandonado da Lapa nasceu na Avenida Mem de Sá nº 234. O prédio foi desocupado com violência em 13 de Dezembro de 2010. “A centralidade urbana acolhe os produtos e as pessoas. Proíbe seu acesso àqueles que ameaçam sua função essencial, que passa a ser a função econômica [...]” (LEFÉBVRE, 2006, p.130).

A implantação de um Programa de Habitação Popular é muito importante, pois contribui para o desenvolvimento da política nacional de reabilitação urbana de sítios históricos, visando a preservação do patrimônio cultural e a redução do déficit habitacional brasileiro, recuperando um estoque imobiliário em desuso, e garantindo condições de habitabilidade para a permanência das famílias residentes nos centros históricos (RIO DE JANEIRO, 2003, p.21).

Todavia, a mesma violência e disposição do poder público em retirar sem teto de ruas “valorizadas” como a Riachuelo e a Mem de Sá, não se verificou na Rua do Rezende, “pouco visível para a boemia”. No número 24, permanece havendo um prédio em precárias condições sendo ocupado por moradores sem teto. Ali, na periferia da área espetacular, os sem teto parecem não incomodar.



Figura 3 – Ocupação dos sem teto na Rua do Rezende nº 24.

Fonte: O autor.

Os prédios abandonados há décadas e que estão desabando em um bairro que atualmente está muito valorizado, tanto no que se refere à moradia, quanto pelo fato de ser um dos principais espaços de sociabilidade do Rio de Janeiro, servem como uma representação importante de como as flutuações do mercado imobiliário modificaram dramaticamente a dinâmica espacial da Lapa ao longo de sua história. Há pouco mais de cem anos, a Reforma Passos reorganizou a cidade em diversos sentidos, sendo que no caso da Lapa, a modificação mais importante foi em seu conteúdo social. Os aristocratas que moravam no bairro mudaram-se para a Zona Sul, seguindo a nova lógica de valorização imobiliária, a partir da descentralização econômica e espacial que a cidade começaria a experimentar de modo mais intenso. Assim, a Lapa tornou-se um bairro de moradores pouco abastados, em que mansões viraram cortiços, casas de prostituição e casas de shows. A degradação das construções também fazia parte da paisagem do bairro naquele período, o que fazia algum sentido diante do estigma que o bairro passou a ter perante a tradicional “sociedade carioca”.

[...] *Navio da Lapa*, uma casa quase abandonada, que existe para as bandas do largo do mesmo nome, próxima ao edifício onde funciona a Biblioteca Nacional, decrépito sobrado que o Município condenou e onde uma meia-dúzia de boêmios se instala, há mais de ano. Navio por que o assoalho da casa balança, como o dos barcos sobre as águas do mar, as vigas que suportam as tabu as onde se pisa, comidas aqui e ali, pelo cupim, dão aos que sobre elas caminham a impressão do *roulis* ou do *tangage* (EDMUNDO, 2003, p.402).

Os desabamentos são frequentes e atravessam os anos durante o que o poder público denomina “revitalização”. “Parte de prédio em péssimo estado de conservação desaba na rua Teotônio Regadas, na Lapa. De acordo com testemunhas, parte do estabelecimento, onde funcionava o estacionamento Lapa Rio, começou a cair no fim da madrugada ” (Extra, 15/10/2008). Quase sete anos depois a rotina de desabamentos permanece: “Um prédio desabou na Rua dos Inválidos, 33, na Lapa” (O DIA, 12/01/2015).

### 3 | ALTOS INVESTIMENTOS E VALORIZAÇÃO IMOBILIÁRIA: A LAPA NO AUGE

Em 2012, o prédio onde funcionou o Colégio MABE entre 1943 e 2011, localizado na Rua Riachuelo, 124, foi atingido por um incêndio. “Princípio de incêndio destrói colégio desativado na Lapa” (G1, 04/09/2012). Neste mesmo local, foi inaugurado em 2014 o Hotel Vila Galé. Houve um investimento de mais de 100 milhões de reais feito pela rede portuguesa de hotéis, que teve que preservar o estilo da construção, preservada pelo IPHAN. “Já na recepção, o passado é lembrado em forma de desenhos antigos da Lapa...” (O Globo, 11/12/2014); “O hotel terá como tema a bossa nova” (O Globo, 01/04/2014). Já na Rua do Lavradio, esquina com a Avenida Mem de Sá, será inaugurado em 2015 o hotel “Da Lapa”, um empreendimento espanhol de 2 milhões de reais, que contará com quartos temáticos. “Um, por exemplo, será o quarto Jorge Amado, e nele haverá livros do escritor...” (O Globo, 12/11/2014).

A rua Visconde de Maranguape, no Largo da Lapa, também receberá um empreendimento hoteleiro em 2015. O prédio do Hotel Bragança, inaugurado em 1906, um dos mais importantes da região até a década de 1940, ficou fechado durante toda a segunda metade do século XX. Na década de 1990, foi ocupado por sem teto. Em Janeiro de 2010, o hotel foi desocupado com menos truculência do que no caso da ocupação Marighela, por exemplo, o que não excluiu a situação de destino incerto de seus ocupantes. Mais uma vez, questões como a função social da propriedade, ou mesmo o compromisso indissociável do Estado em apresentar caminhos (e condições) para a solução do déficit habitacional, não fizeram (fazem) parte da “revitalização” da Lapa. O planejamento urbano e as estratégias de planejamento ficam “[...] à sombra dos interesses urgentes de abraçar os novos empreendimentos de peso” (GARCIA, 1997, p.163).



Figura 4: O prédio do Hotel Bragança em restauração.

Fonte: O Globo (24/03/2014).

Em meio a desabamentos, incêndios e ocupações de sem teto, a Lapa tornou-se um dos bairros com maior crescimento em termos de valorização imobiliária no Rio de

Janeiro. Segundo a revista *exame*, de agosto de 2012, entre julho de 2011 e julho de 2012, a valorização dos imóveis no Centro (ainda incluída a Lapa) foi de 85,1%. Entre setembro de 2011 e setembro de 2012, o Leblon registrou uma valorização de 12,14% e Ipanema, de 15,24%, segundo o site *Infomoney*. É evidente que Ipanema e Leblon sempre foram bairros valorizados, não havendo surpresa sobre o fato da valorização dessas áreas ser mais modesta do que a de uma área preterida como moradia até pouco tempo, como a área central do Rio de Janeiro. Entre dezembro de 2007 e o mesmo mês de 2010, houve uma valorização de 174% no preço de compra de imóveis de dois quartos no Centro do Rio” (EXTRA, 2011).



Figura 5 – Mapa com destaque para as localizações dos novos hotéis da Lapa.

Fonte: GOOGLE MAPS, 2015.

Entretanto, o grau de valorização dos imóveis na área central é o fator que se pode considerar surpreendente, explicativo e contraditório. Surpreendente, pois a área central ainda carece de infraestrutura urbana, ainda que esteja em uma posição estratégica quanto à “proximidade do trabalho” e de diversas outras áreas da cidade e da Região Metropolitana, acessadas pelas inúmeras linhas de ônibus que circulam na região. Explicativo, pois a rapidez do poder público em expulsar de maneira agressiva os sem teto de suas ocupações, tratando como caso de polícia um problema social que deveria ser “removido” e solucionado com o mínimo de espírito público, além das diversas concessões feitas nos últimos anos a investidores, incorporadoras e donos de estabelecimentos comerciais, constituem exemplos ilustrativos de que o único interesse do Estado tem sido ampliar o potencial (especialmente privado) de lucros da região.

Contraditório, porque uma integração entre o poder público e os setores privados para a ampliação dos ganhos de determinada área da cidade poderia ser objeto de aplauso, caso parte importante desses ganhos proporcionasse efetivo ganho público e social. Todavia, os desabamentos e a agressiva expulsão dos sem teto são dois dos muitos exemplos importantes que comprovam a indisponibilidade do Estado em incluir a maioria da sociedade neste tipo de “ganho”, ainda que obtido, em grande parte, com

dinheiro público.

[...] a analogia cidade-empresa não se esgota numa proposta simplesmente administrativa ou, como muitas vezes pretendem apresentar seus defensores, meramente gerencial ou operacional. Na verdade, é o conjunto da cidade e do poder local que está sendo redefinido [...] o poder de uma nova lógica, com a qual se pretende legitimar a apropriação direta dos instrumentos de poder público por grupos empresariais privados. A constituição e legitimação da nova cidadania conferida aos *segmentos estratégicos* caminha *pari passu* com a destituição dos grupos com “*escassa relevância estratégica*” (VAINER, 2000, p.89).

Quando foi vendido em novembro de 2005, o condomínio “Cores da Lapa” teve seu apartamento mais barato vendido a R\$ 85.000,00 e o mais caro (3 quartos) vendido pelo preço de R\$ 150.000,00. Em uma breve pesquisa sobre o preço dos imóveis em Dezembro de 2012, constatamos que um apartamento de 1 quarto neste mesmo condomínio está custando até R\$ 480.000,00 e um apartamento de 3 quartos custa até R\$ 660.000,00.



Gráfico 1 – Dados do mercado imobiliário na Lapa.

Fonte: ZAPIMÓVEIS, 2013.

O condomínio possui 688 apartamentos divididos em 6 prédios, nos quais através da nomenclatura, podemos perceber a intenção de transformar o imóvel em parte da imagem pública da Lapa como lugar. Os prédios **Seresta, Aquarela, Batuque, Toada, Melodia e Ritmo** tiveram seus nomes identificados de maneira óbvia com a necessidade de chamar a atenção para o diferencial da localização do condomínio, ou seja, com o fato de estar no “coração da boemia carioca”.

O Cores da Lapa tem tudo que a alma carioca precisa. A cinco minutos do maior parque a céu aberto da cidade do Rio de Janeiro, o Aterro do Flamengo, e pertinho de 3 estações de metrô - Glória, Cinelândia e Carioca, o condomínio cores da lapa é um lugar incrível onde o melhor da alma e cultura carioca se encontram (OLX, 2012).

Ainda um intruso em um bairro de sobrados antigos, o condomínio “Cores da Lapa” “[...] erguido no antigo terreno da fábrica da Antártica, é o primeiro do gênero na

região [...]” (O GLOBO, 2005) e oferece sala de boliche, piscinas, quadra poliesportiva, sala de recreação, estúdio musical, churrasqueiras, cinema, pista de skate, muro de escalada, lavanderia com cyber café, academia, atelier, lanchonetes e lojas.

Ao apoio da prefeitura se juntou um projeto de condomínio desenvolvido nos moldes dos lançamentos da Barra da Tijuca. Ao mesmo tempo, uma campanha maciça de marketing foi lançada. Em vez de concentrar a propaganda nos atributos do empreendimento, os incorporadores decidiram investir também em uma campanha institucional para promover a Lapa. O slogan “Eu sou da Lapa” se espalhou pela cidade em anúncios de televisão, na mídia impressa e até mesmo em jogos de futebol. Os criadores da campanha produziram bandeirões com os escudos dos principais times cariocas acompanhados pelo slogan “Eu sou da Lapa” (VEJA RIO, 2006).

Construído nos moldes dos condomínios da Barra da Tijuca, com efetivo apoio da Prefeitura do Rio de Janeiro, o condomínio Cores da Lapa contraria uma premissa do projeto de “Revitalização” do Centro Histórico da cidade elaborado poucos anos antes pela Prefeitura.

[...] criar tipologias de residência com características tão atraentes quanto as da moradia tradicional no Centro: edifícios menores, bem relacionados com a vizinhança, que contribuam com a vida de rua, proporcionando espaços flexíveis ou articulando usos distintos, restabelecendo a integração moradia-trabalho. Isto significa, em termos gerais, tornar os investimentos no Centro atrativos em função da diversidade e não da similaridade ao que usualmente se oferece em termos de moradia na cidade” (RIO DE JANEIRO, 2003, p.1).

Como quase sempre ocorre em casos de repentina e vertiginosa valorização imobiliária de uma determinada área de uma metrópole, a alta dos preços dos imóveis da Lapa foi também reflexo de um projeto agressivo de marketing que, além das “vantagens” normalmente associadas aos imóveis, como a localização, atrelou a todo o momento a “identidade boêmia” da Lapa ao novo condomínio. Estratégias muito parecidas foram aplicadas no lançamento do segundo condomínio de luxo, o “Viva Lapa”, em 2006, logo após o “Cores da Lapa”, identificados respectivamente com as letras “A” e “B” no mapa a seguir.

O “Viva Lapa”, localizado na Avenida Gomes Freire nº 558, possui 178 apartamentos e foi premiado em 2007 pelo jornal Estado de São Paulo, na categoria “Performance em vendas imobiliárias” e no mesmo ano pela Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário (ADEMI) na categoria “Prêmio Master Imobiliário”. O prêmio de um jornal de São Paulo a um condomínio da Lapa carioca poderia parecer algo inusitado, mas torna-se bem explicado pela matéria publicada no principal jornal de São Paulo: “Invasão Bandeirante: Empreendedores paulistas apostam em áreas do Rio inexploradas pelos cariocas e mudam o eixo dos investimentos imobiliários na cidade” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2007). Os dois empreendimentos representaram as únicas edificações residenciais em todo o Centro do Rio nos anos de 2005 e 2006, apresentando-se como verdadeiras apostas, em uma área de mercado residencial estagnado mesmo em tempos de “revitalização”, como mostra a tabela a seguir.

Ano Lançamento	Bairro	Nº unidades lançadas	Área Privativa Média	Preço Médio de Lançamento
2003	Centro	-	-	-
	São Cristóvão	-	-	-
	Tijuca	214	74,82	148.260
Soma		214	-	-
Média		-	74,82	148.260
2004	Centro	-	-	-
	São Cristóvão	-	-	-
	Tijuca	168	86,03	207.564
Soma		168	-	-
Média		-	86,03	207.564
2005	Centro	688	61	119.387
	São Cristóvão	-	-	-
	Tijuca	140	NI	NI
Soma		828	-	-
Média		-	60,56	119.387
2006	Centro	178	32	79.910
	São Cristóvão	410	71	185.300
	Tijuca	18	NI	NI
Soma		606	-	-
Média		-	59,14	153.396
2007	Centro	-	-	-
	São Cristóvão	120	75	208.000
	Tijuca	96	86,81	287.427
Soma		216	-	-
Média		-	79,98	240.705
2008	Centro	-	-	-
	São Cristóvão	220	71	227.211
	Tijuca	500	72,42	191.840
Soma		720	-	-
Média		-	72,08	202.678
2009*	Centro	-	-	-
	São Cristóvão	-	-	-
	Tijuca	88	95,38	397.983
Soma		88	-	-
Média		-	95,38	397.983

Tabela 1 – Lançamento de unidades de habitação em bairros selecionados entre 2003 e 2009

Fonte: Levantamento da Associação Comercial do Rio de Janeiro, 2010.

## 4 | O LUGAR DO ESPETÁCULO NOS FUNDAMENTOS DO AUGÉ DA LAPA DECADENTE

É impossível não perceber a importância da referência à história da Lapa. A malandragem, a musicalidade e a boemia são constantemente utilizados para valorizar a experiência de estar na Lapa, como tradução do “jeito de ser carioca”, o que evidentemente promove uma valorização imobiliária do bairro. Neste sentido, é possível perceber certa apropriação do mito boêmio por essas empresas, o que ocorre também por parte do governo, no sentido de atrair frequentadores para uma Lapa que se diferenciaria por seu “ar boêmio”, pelo reencontro com as “raízes” cariocas. “[...] reprodução de esperados traços culturais do “espírito do lugar”, codificando o que seriam, por exemplo, comportamentos típicos [...]” (GARCIA, 1997, p.109).



Figura 7 - A malandragem do Prefeito Eduardo Paes junto aos “Garis da Boemia”.

Fonte: RIO DE JANEIRO, 2010b.

Parece haver um sentido de “espetacularização” na revitalização da Lapa, um processo de transformação de relações sociais e significados em mercadoria, como atrativo fundamental para o consumo do lugar. A ideia do “espetáculo” que utilizamos é aquela que foi a grande norteadora da corrente dos Situacionistas, especialmente Guy Debord e Raoul Vaneigem, nos anos 1950 e 1960. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p.14).

Essa relação entre a representatividade da Lapa enquanto difusora de uma cultura carioca boêmia e os grandes investimentos recentemente feitos no bairro, explicam boa parte da ambivalência verificada em um bairro, ao mesmo tempo, no auge e na decadência.

Assim, apesar de concluirmos que há um processo de “espetacularização”, esta não corre em paralelo à vida da Lapa, ela se mistura com a mesma, de modo hierárquico e centralizador, o que não torna necessariamente maculada a produção do lugar. As relações de pertencimento e de identificação dos indivíduos com a Lapa permanecem sendo produzidas, ainda que muitas vezes mediadas pelo consumo da história. É a este modo de se relacionar com o espaço a que estamos identificando o lugar do espetáculo.

O lugar do espetáculo é produzido a partir da cópia e/ou da manipulação de significados, de personagens históricos e de imaginários, que se tornam parte da montagem de um cenário comercial. O local é vendido a partir da manipulação de sentidos atribuídos ao lugar. “Reconstituições “históricas” ou fantasiosas, demolições arbitrárias, restaurações inqualificáveis tornaram-se formas de valorização correntes”

(CHOAY, 2001, p.214).

No entanto, isto não quer dizer que o indivíduo não possa estabelecer uma relação afetiva com o lugar do espetáculo, ainda que no caso de muitos dos atuais frequentadores da Lapa, a relação de afetividade seja mediada por valores e imaginários que não existem mais, que não se estabeleceram entre o indivíduo e o local, mas entre o indivíduo e o local que lhe foi vendido como lugar. Dessa forma, mesmo havendo limitações na perspectiva da experiência social, a ideia do lugar do espetáculo não pretende se estabelecer a partir da possibilidade ou não do indivíduo manter uma relação afetiva com o local, mas a partir de uma dimensão do lugar em que se verifica a simulação de ambientes, personagens, imaginários e significados.

De acordo com a própria teoria situacionista e também no âmbito da reflexão acerca da perspectiva do conceito de lugar que estamos privilegiando neste trabalho, afirmamos que à produção do lugar do espetáculo está ligada, indissociavelmente, a possibilidade de subversão desta mesma ordem, em geral, prevalente.

[...] to show how place does not have meanings that are natural and obvious but ones that are created by some people with more power than others to define what is and is not appropriate. It also showed how people are able to resist the construction of expectations about practice through place by using places and their established meanings in subversive ways (CRESSWELL, 2004, p.27).

Apropriada produção do espetáculo necessita de um diálogo permanente com outras práticas, sujeitos e espaços que não estão inseridos completamente nesta dinâmica, até para que possa se reinventar e sobreviver. Entretanto, nem sempre os promotores da espetacularização conseguem domesticar as tentativas permanentes de prática do “desvio”, no vocabulário situacionista, perdendo, nem que seja momentaneamente, o controle daquele espaço. “[...] grupos e iniciativas enunciam lugares através de um conjunto de táticas que subvertem as estratégias hegemônicas de produção do espaço [...]” (SERPA, 2011, p.37).

Such strategies involve an appropriation of certain artifacts and significations from the dominant (or parent) culture and their transformation into symbolic forms which take on new meanings and significance for those who adopt these styles (COSGROVE; JACKSON, 1987 apud HERSHKOVITZ, 1993, p.397).

Neste sentido, parece-nos inviável a tentativa de estipular quais os espaços que podemos definir unicamente como lugares do espetáculo, pois esta noção é originalmente produto de oposições e refere-se a uma dimensão possível (vívida no) do lugar, ainda que a lógica que esta ideia tenta expressar possa prevalecer na organização espacial. Também, parece-nos fundamental a ideia de que à produção do lugar do espetáculo siga-se, em muitos casos, a produção do “desvio”, ou seja, a tentativa de reverter a não participação através da reapropriação do lugar por grupos e indivíduos que rejeitam a prévia determinação da lógica do lugar. “[...] a pessoa resiste a ser nivelada e uniformizada por um mecanismo sócio tecnológico” (SIMMEL, 1979, p.11). “O que estamos chamando de pseudo-lugares, então, são lugares cuja história e identidade são substituídas em nome de um uso especializado, de relações

alienadas e alienígenas produzidas pelo e para o turismo” (CRUZ, 2007, p.25).

Entendemos que não estamos tratando necessariamente de “pseudo-lugares”, mas efetivamente de lugares, que podem ser vividos como tais, especialmente a partir da subversão de sua dimensão espetacular. Passa-se a um apontamento dos locais voltados para o turismo que “cabem ou não” na ideia de “pseudo-lugares”. Como na formulação do “não lugar”, fecha-se a possibilidade de observarmos a complexidade da realidade que desmente tais generalizações. Apoiamo-nos na justificativa de Clifford Geertz para definirmos nosso desafio de refletir sobre o conceito de lugar através da importância do que está sendo transmitido pelo comportamento humano, sem a pretensão de julgar o que é “genuíno”, o que é “autêntico”, o que serve ou que não serve, até porque “[...] não existem, de fato, homens não modificados pelos costumes de lugares particulares, nunca existiram e, o que é mais importante, não o poderiam pela própria natureza do caso” (GEERTZ, 1989, p.47). “Identities of subjects and identities of places constructed through interrelations not only challenge notions of past authenticities but also hold open possibility of change in the future” (MASSEY, 1999, p.288).

The term “placelessness”, which has been used in reference to the creation of standardized landscapes that diminish the differences among places, signifies one aspect of the loss of meaning in the modern world. But “loss” may be too strong a term. Meaning is both “lost” and “gained” in such landscapes (ENTRIKIN, 1991, p.57).

O movimento “Eles não amam a Lapa”, por exemplo, é constituído principalmente por moradores, mas também por frequentadores da Lapa, que se aproveitam da grande visibilidade que o bairro passou a ter (em grande parte oriundo da produção do lugar do espetáculo) nos últimos anos, para promover manifestações que exponham os muitos problemas relativos à prestação de serviços básicos no bairro. Os mesmos espaços públicos que são apropriados e se tornam mais “famosos” pelo espetáculo são reapropriados por este movimento como lugar de vivência e protesto, que se aproveitam da visibilidade “espetacular” da Lapa para difundir o “desvio”.

No dia 11 de Março de 2013, os moradores da Lapa e de Santa Teresa cobriram os trilhos dos bondinhos sobre os Arcos com uma faixa pedindo satisfação acerca da retomada do funcionamento do transporte característico de ambos os bairros. A enorme visibilidade dos Arcos da Lapa amplificaram a manifestação que se não foi diretamente contra a espetacularização, marcou um claro protesto de pessoas que não veem os Arcos, os bondinhos e a Lapa apenas como uma moldura famosa. “Queremos um bonde que respeite a tradição. O governo quer fechar o bonde para privatizá-lo. Ele será transformado em equipamento turístico” (Álvaro Braga, diretor da Associação de Moradores de Santa Teresa em entrevista ao jornal O GLOBO (2013b). Em Janeiro de 2015, os bondinhos ainda não tinham sido reinaugurados.



Figura 8 – Protesto nos Arcos da Lapa.

Fonte: O GLOBO, 2013a.

## 5 | CONCLUSÃO

É possível concluir que o processo de Revitalização alardeado pela Prefeitura do Rio de Janeiro, na verdade se efetiva como um processo de Revalorização, já que as condições de moradia e de serviços da Lapa permanecem apresentando graves problemas. O próprio status de bairro foi alcançado através de uma manobra política que atendeu, especialmente, a interesses empresariais. Um dos autores da lei, o vereador Marcelo Arar é um velho conhecido promotor de festas “rave” e eventos, alguns inclusive acontecendo na Lapa, mais precisamente no “Lapa 40° graus”, que fica na Rua do Lavradio, de propriedade do dançarino Carlinhos de Jesus, faz um programa de rádio exclusivamente para dar dicas sobre a “noite carioca”, é lutador de Jiu-Jitsu e já foi diretor da Superintendência de Desporto do Estado do Rio de Janeiro (SUDERJ). Entre seus projetos de lei, destacamos a alteração a lei 5.146/2010 para incluir no calendário carioca o “dia do disc-jockey – DJ” a ser comemorado em 09 de Março, a mudança do nome da rua Silva Castro em Copacabana, para Carlson Gracie, falecido “mestre” de Jiu-Jitsu e a modificação da lei 5.242/2011 para a inclusão do bloco carnavalesco “Spanta Neném” como de utilidade pública. Em discurso na câmara dos vereadores do Rio de Janeiro, em 2011, Arar utilizou a palavra “grife” para expressar a visibilidade que a Lapa possui na cidade, no Brasil e no mundo. Já em uma entrevista, o vereador disse que o imóvel que vier com o nome Lapa estampado em seu endereço, ganhará enorme valorização a partir da elevação da área à condição oficial de bairro.

Esta revalorização, evidentemente interessante para o morador da Lapa, é também muito positiva para os proprietários dos restaurantes e casas de shows

que compraram seus imóveis anteriormente. Esses mesmos proprietários recebem em seus estabelecimentos, festas e shows promovidas pelo vereador Marcelo Arar. Entretanto, a valorização dos imóveis na Lapa já acontece há alguns anos e isto não significou uma profunda melhoria da vida de quem mora na Lapa. Os próprios vereadores que conseguiram transformar a Lapa, oficialmente, em bairro, admitem que a área mantém-se carente em termos de policiamento, limpeza e de ordenamento urbano. Este último está muito relacionado, também, com os restaurantes que utilizam indiscriminadamente as calçadas com suas mesas e cadeiras, além do som das casas de shows que invade a madrugada. Assim, é difícil acreditar que a “simples” condição de bairro resolva os problemas enfrentados pelos moradores.

A comercialização dos significados mais conhecidos do lugar não significou uma destruição de outras formas de vivência desses mesmos significados, nem do bairro, nem de seus problemas. Entretanto, o que acontece na Lapa hoje está longe de resolver e/ou apontar futuras resoluções para problemas de infraestrutura básica. As ações empreendidas pelo poder público no sentido de melhorar a vida de quem mora no bairro, incluindo a canalização de parte dos lucros da “revitalização” para projetos sociais, são escassas. Não se pode esquecer que as prioridades do Estado enquanto gestor fundamental do espaço público nem sempre deveriam coincidir com aquelas da iniciativa privada, especialmente quando se pretende conceituar um processo de “revitalização”. Por outro lado, enquanto o poder público se mantiver como um simples ponto de apoio para a ampliação de ganhos privados, as transformações na Lapa continuarão ocorrendo sem, no entanto, configurarem um efetivo processo de revitalização.

O maior perigo decorrente da manutenção deste tipo de postura por parte do Estado é uma inevitável decadência futura, quando o “modelo de espetacularização” produzido na Lapa vier a se esgotar. Aí, só restará um bairro sujo, inseguro e decadente. Para romper com este histórico ciclo de auge e decadência na Lapa, o mito da revitalização deve se materializar como realidade na produção de um espaço público democrático e cidadão.

As consequências dessa relação entre os interesses privados e as prioridades de atuação do poder público no espaço urbano explicam parte dessa condição aparentemente paradoxal de uma Lapa que atualmente está no auge sem perder a decadência.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO RIO DE JANEIRO. **Pesquisa sobre o total de lançamento de unidades de habitação em bairros selecionados entre 2003 e 2009**. 2010. Rio de Janeiro. Disponível em: <[www.acrj.org.br](http://www.acrj.org.br)>. Acesso em: 20 jan. 2013.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2001.

- CRESSWELL, T. **Place: a short introduction**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.
- CRUZ, R. C. A. **Geografias do turismo: de lugares a pseudo-lugares**. São Paulo: Roca, 2007.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- EDMUNDO, L. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. Brasília, DF: Senado Federal, 2003. v. 1.
- EGLER, T. T. C. **Políticas Urbanas para o espaço global**. *Rev. Econ. Soc. Territ.*, n. 17, 2005.
- ENTRIKIN, J. N. **The betweenness of place**. London: Macmillan Education LTD, 1991.
- EXTRA. Rio de Janeiro, 15 out. 2008. **Reportagem de Aline Sysak**. Disponível em: < <http://www.extra.globo.com>. Acesso em 15 de Janeiro de 2015.
- EXTRA. Rio de Janeiro, 30 ago. 2010. **Editorial**.
- EXTRA. Rio de Janeiro, 23 jan. 2011. **Editorial**.
- FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 28 dez. 2007. **Editorial**.
- G1. Rio de Janeiro, 04 set 2014. **Editorial**. Disponível em: < <http://www.g1.globo.com>. Acesso em 15 de Janeiro de 2015.
- GARCIA, F. E. S. **Cidade espetáculo: política, planejamento e city marketing**. Curitiba: Palavra, 1997.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GOOGLE MAPS. **Base Cartográfica**. Disponível em: < <https://maps.google.com/>>. Acesso em 21 de Janeiro de 2015.
- HERSHKOVITZ, L. **Tiananmen Square and the politics of place**. *Political Geography*, v. 12, n. 5, p. 395-420, Sept. 1993.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MASSEY, D. **Spaces of politics**. In: MASSEY, D.; ALLEN, J.; SARRE, P. *Human geography today*. Bodmin: Polity Press, 1999. p. 279-294.
- MÍDIA INDEPENDENTE. **Foto de ocupação sem teto**. Disponível em: < <http://www.midiaindependente.org/pt/red/2010/08/476436.shtml>>. Acesso em: 23 abr. 2013.
- MOURA, D. et al. **A revitalização urbana: contributos para a definição de um conceito operativo**. *Cidades, comunidades e territórios*, n. 12/13, p. 15-34, 2006.
- O DIA. Rio de Janeiro, 12 jan. 2015. **Editorial**. Disponível em: < <http://www.odia.ig.com.br>. Acesso em 17 de Janeiro de 2015.
- O GLOBO. Rio de Janeiro, 13 nov. 2005. **Editorial**.
- O GLOBO. Rio de Janeiro, 11 mar. 2013a. **Editorial**.
- O GLOBO. Rio de Janeiro, 12 mar. 2013b. **Editorial**.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 01 abr. 2014. **Reportagem de Fernanda Dutra**. Disponível em:< <http://www.oglobo.com.br>. Acesso em 19 de Janeiro de 2015.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 12 nov. 2014. **Reportagem de Gabriela Lapagesse**. Disponível em:< <http://www.oglobo.com.br>. Acesso em 19 de Janeiro de 2015.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 11 dez. 2014. **Reportagem de Natasha Mazzacaro**. Disponível em:< <http://www.oglobo.com.br>. Acesso em 17 de Janeiro de 2015.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 24 mar. 2015. **Reportagem de Laura Antunes**. Disponível em:< <http://www.oglobo.com.br>. Acesso em 19 de Janeiro de 2015.

OLIVEIRA, M. P. **Cidadania no Brasil: elementos para uma análise geográfica**. *Revista Geographia*, ano 3, n. 6, p. 45-53, dez. 2002.

OLX. Apresenta anúncios classificados locais para emprego, à venda, imóveis, serviços, comunidade e eventos. Disponível em: < <http://cidaderiodejaneiro.olx.com.br/apartamento-2-quartos-no-centro-do-rio-iid-526145379>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura do Rio de Janeiro. **Relatório da Prefeitura do Rio**, 2003.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura do Rio de Janeiro. **Prefeitura anuncia criação do Grupamento de Revitalização do Centro Histórico: ruas da Lapa poderão ser fechadas no fim de semana para lazer**. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=841585>. Acesso em: 30 maio 2010.

ROPER, H. T. **A invenção das tradições: a tradição das Terras Altas (Highlands) da Escócia**. In: HOBSBAWN, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012. p. 29-63.

SERPA, A. **Lugar e mídia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SIMMEL, G. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, O. G. (Org.). *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 13-28.

SINPOL - Sindicato dos policiais civis do estado do Rio de Janeiro. **Sem reforma ong Bola Preta deixa sobrado cair**. 2012. Disponível em: <<http://www.sinpol.org.br/index2.php?idMenu=01&flag=01&id=602>> . Acesso em: 23 abr. 2013.

VAINER, C. **Pátria, empresa e mercadoria. Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano**. In: ARANTES, O. B. F. *A cidade do pensamento único*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 75-103.

VEJA RIO. Rio de Janeiro, ed. 1949, 29 mar. 2006.

ZAPIMÓVEIS. Apresenta imóveis para venda. Disponível em: <[www.zapimoveis.com.br](http://www.zapimoveis.com.br)>. Acesso em 23 abr. 2013.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**MARCOS WILLIAM KASPCHAK MACHADO** Professor na Unopar de Ponta Grossa (Paraná). Graduado em Administração- Habilitação Comércio Exterior pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Especializado em Gestão industrial na linha de pesquisa em Produção e Manutenção. Doutorando e Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, com linha de pesquisa em Redes de Empresas e Engenharia Organizacional. Possui experiência na área de Administração de Projetos e análise de custos em empresas da região de Ponta Grossa (Paraná). Fundador e consultor da MWM Soluções 3D, especializado na elaboração de estudos de viabilidade de projetos e inovação.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-166-4

